

Crescimento da agricultura brasileira

Período: 1996 a 2004

Kelliane da C. Fuscaldi¹
Andréa Christina Guirro de Oliveira²

Introdução

O setor do agronegócio tem grande importância na economia brasileira sendo responsável por: abastecimento do mercado doméstico; oferta de produtos com qualidade e preços competitivos; substituição das importações e geração de excedentes para exportação; e criação de empregos no campo e nos setores vinculados.

No ano de 2004, o setor foi responsável por 30% do PIB, movimentando R\$ 534 bilhões, 40,4% das exportações brasileiras e 37% dos empregos gerados no País. É responsável ainda por manter a balança comercial superavitária. A evolução do setor tornou-se mais significativa a partir da segunda metade da década de 90.

O estudo em questão tem por objetivo principal analisar esse crescimento dando maior ênfase à cultura da soja, a principal precursora da alavancagem do agronegócio brasileiro.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: Primeiro, aborda-se o crescimento da agricultura após 1996 e em seguida faz-se uma análise dos principais fatores que incentivaram este crescimento. Logo após, é feita uma análise das principais culturas, caracterizando o impulso inicial dado pela soja. Para finalizar aborda-se a produção de carnes.

Desenvolvimento

Crescimento da agricultura após 1996-1997

A explosão do crescimento recente da agricultura brasileira se deu praticamente entre as safras 2000-2001 e 2003-2004. Para se obter uma melhor análise dessa evolução, o período em questão será dividido em dois momentos. O primeiro momento vai da safra 1996-1997 e 1999-2000 e o segundo momento compreende o período correspondente às safras 1999-2000 e 2003-2004.

Analisando a Fig. 1, observa-se que a produção aumentou 51,9% em todo o período analisado, passando de 78,4 para 119,1 milhões de toneladas, o que corresponde a um crescimento médio de 6,15% ao ano.

No primeiro momento, a produção cresceu apenas 5,9%, enquanto no segundo o crescimento foi de 43,5%. O crescimento médio anual do segundo momento foi de 9,45% ao ano, 3,3% maior do que o crescimento anual correspondente a todo o período.

É interessante destacar que o crescimento da área plantada foi bem menor. Em todo o período analisado o aumento da área plantada foi de apenas 29,5%, correspondendo a um crescimento médio de 3,75% ao ano. No entanto, percebe-se

¹ Assessora Técnica do Gabinete do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, kelliane@agricultura.gov.br

² Chefe de Divisão de Oleaginosas da Secretaria de Política Agrícola, andreaguirro@agricultura.gov.br

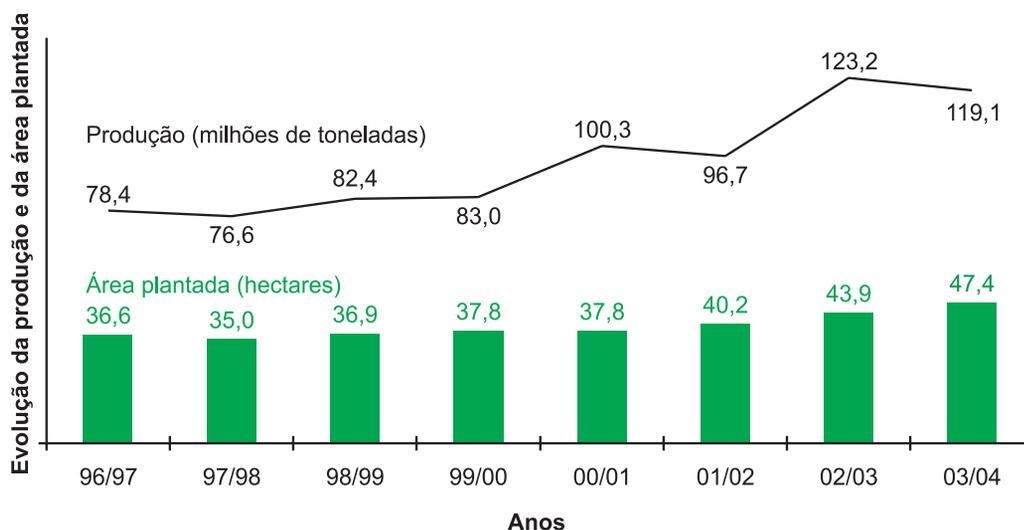


Fig. 1. Produção de grãos x áreas plantadas.

Fonte: Conab (2005a).

Grãos: algodão, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

que o aumento maior da área plantada se deu nas últimas três safras.

“Essa expansão recente difere radicalmente do padrão que prevaleceu durante toda a década de 90, em que a área agrícola total com lavouras permaneceu constante e todo o aumento da produção agrícola vegetal veio de aumentos de produtividade da terra. Essa expansão recente de área se deu sobretudo na soja, que cresceu somente nesses três anos agrícolas, 39,8% nas regiões Sul e Sudeste e nada menos que 66,1% na Região Centro-Oeste.” (BRANDÃO et al., 2005, p. 2).

Fatores que incentivaram o crescimento

Lei Kandir

A Lei Kandir, ou Lei Complementar nº 87/96 (BRASIL, 1996), foi criada com o intuito de desonerar o pagamento de ICMS das exportações de produtos semi-elaborados, produtos primários e serviços.

A lei prevê, originalmente, em seu anexo, compensação financeira aos estados e municípios pela perda na arrecadação, havendo, pois, ressarcimento em caso de comportamento negativo do ICMS.

“3.4 Os recursos a serem entregues mensalmente à unidade federada equivalente à diferença positiva entre o valor total que lhe cabe e o valor da dívida apurada...”. (LC 87/96 - Anexo)

Desde a implantação dessa, existem dois focos de discussão: a) os estados estariam perdendo receitas pela composição da lei. Havendo, pois, estados altamente penalizados, que são aqueles que mais exportam; b) o período adotado, como base de cálculo, foi julho de 1995, época do início do Plano Real, fase de baixa arrecadação.

Mas em agosto de 2000, a Lei Kandir começou a sofrer alterações. Com a Lei Complementar Nº 102 (BRASIL, 2000), os estados passaram a receber da União um valor fixo, de acordo com seu coeficiente de participação nas exportações, como se pode verificar na Tabela 1.

Apesar das discussões, ressaltam-se os pontos positivos da Lei Kandir, que ajudou no crescimento das exportações de produtos primários no Brasil, principalmente da soja, foco de nosso estudo.

Demanda asiática

O aumento da demanda asiática contribuiu muito para o crescimento da agricultura brasileira. As exportações do agronegócio brasileiro para o continente asiático passaram a aumentar significativamente a partir do ano 2000, principalmente para o mercado chinês, conforme mostra a Fig. 2.

Tabela 1. Coeficiente individual de participação.

Estado	Coeficiente de participação
AC	0,09104%
AL	0,84022%
AP	0,40648%
AM	1,00788%
BA	3,71666%
CE	1,62881%
DF	0,80975%
ES	4,26332%
GO	1,33472%
MA	1,6788%
MT	1,94087%
MS	1,23465%
MG	12,90414%
PA	4,36371%
PB	0,2875%
PR	10,08256%
PE	1,48565%
PI	0,30165%
RJ	5,86503%
RN	0,36214%
RS	10,04446%
RO	0,24939%
RR	0,03824%
SC	3,59131%
SP	31,1418%
SE	0,25049%
TO	0,07873%
TOTAL	100,00%

Fonte: Brasil (2000).

O valor total das exportações brasileiras passou de US\$ 20,5 bilhões em 1999 para US\$ 39 bilhões em 2004, representando um aumento de 90%, enquanto o valor total das exportações brasileiras destinadas à Ásia (excluindo o Oriente Médio) passou de US\$ 2,8 bilhões para US\$ 7,7 bilhões (aumento de 175%). Já o valor das exportações brasileiras destinadas ao mercado chinês passou de US\$ 320 milhões em 1999 para US\$ 2,96 bilhões em 2004, correspondendo a um crescimento de 825%.

Segundo Jank et al. (2005), o aumento do consumo interno na China e em outros países asiáticos fez com que esses países entrassem no mercado comprando grandes volumes de alimentos. "A China, como país, é o primeiro comprador de soja em grão do Brasil. Entretanto, como bloco, a União Européia é a maior cliente brasileira da commodity." (JANK et al., 2005).

Tecnologia

Com o processo de globalização, a competitividade se tornou uma necessidade primordial para se continuar em qualquer atividade, inclusive na atividade agropecuária.

Mediante o trabalho das instituições de pesquisa, principalmente da Empresa Brasileira

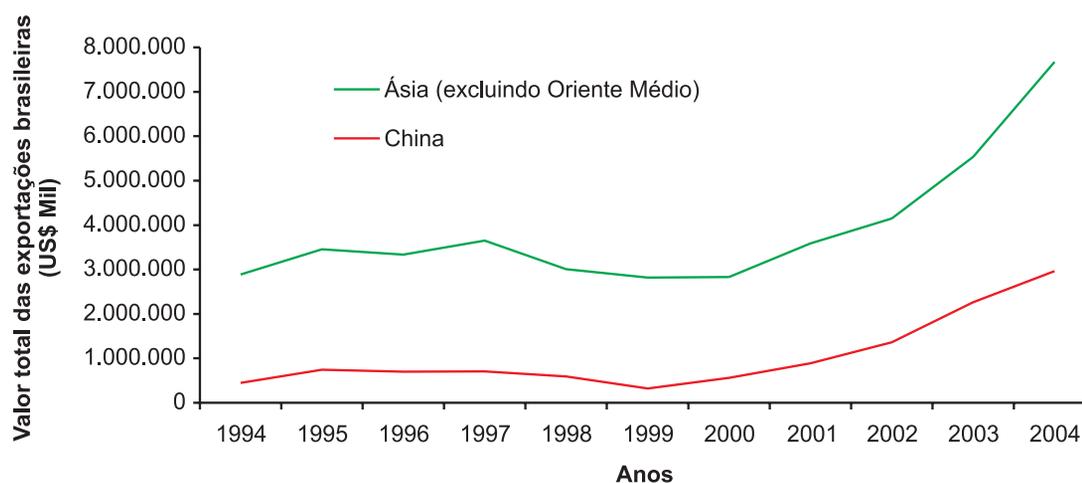


Fig. 2. Demanda asiática.

Fonte: Sistema Alice, 2005³.
Elaborado pelas autoras.

³ Informações de banco de dados restrito. Disponível sob encomenda.

de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), foram desenvolvidas variedades mais resistentes e mais produtivas. O salto tecnológico da agricultura brasileira permitiu fortes ganhos de produtividade.

Segundo Santo (2001, p. 53), “a pesquisa agropecuária brasileira pública e privada é a mais moderna e abrangente do hemisfério sul”.

Além disso, “colheitadeiras equipadas com GPS, culturas e matrizes avançadas, novas técnicas de gerenciamento e engenharia genética são tecnologias que já fazem parte do dia-a-dia do agronegócio brasileiro.” (TACHINARDI, 2005, p. 31).

A Fig. 3 mostra a evolução da produtividade (produção por hectare) média nas lavouras brasileiras. O produto que apresentou maior crescimento foi o algodão (133,2%), seguido pelo trigo (48,1%), arroz (28,8%) e feijão (17,2%).

O milho e a soja merecem tratamento especial, pois a seca ocorrida no Sul do País comprometeu a produtividade das lavouras na safra 2003-2004.

No caso do milho, desconsiderando a safra 2003-2004, percebe-se que o aumento da produtividade foi de 38,5%, passando de 2.588 (safra 1996-1997) para 3.585 kg/ha (safra 2002-2003) (CONAB, 2005a).

O grande aumento na produtividade média da soja se deu da safra 1990-1991 para 1991-2002. A produtividade média que era de 1.580 kg/ha passou para 2.027 kg/ha, o que representa um aumento de 28,3%. Vale ressaltar também que, se for desconsiderada a safra 2003-2004, o aumento da produtividade média das lavouras de soja, considerando o período compreendido entre as safras 1996-1997 e 2002-2003, foi de 22,5%. A maior produtividade média alcançada pela cultura da soja se deu na safra 2000-2001 no Estado de Mato Grosso (3.090 kg/ha) (CONAB, 2005a).

Fim da sobrevalorização cambial

Para entender o fim da sobrevalorização cambial, faz-se necessário entender o contexto

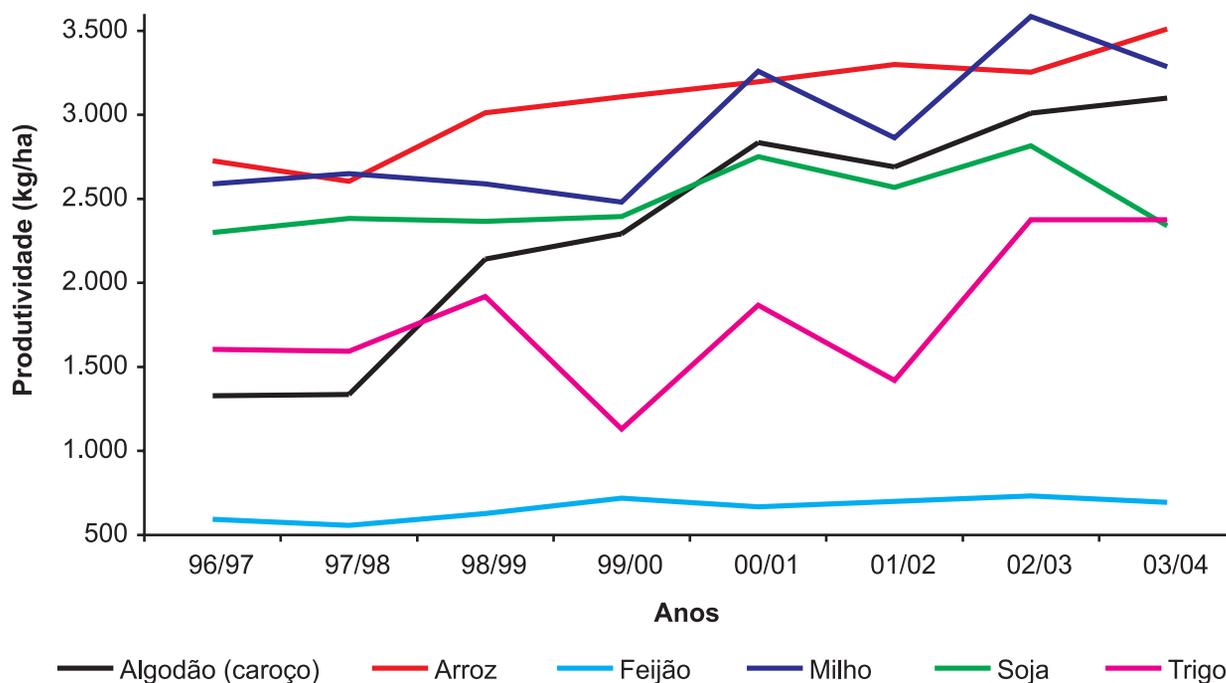


Fig. 3. Evolução da produtividade média.
Fonte: Conab (2005a).

do Plano Real. O plano foi dividido em três fases, mas a questão cambial começou a ser pensada a partir da segunda etapa do programa.

Na segunda fase, após implementação da unidade real de valor (URV), foi criada uma alíquota de IOF sobre valores de liquidação de câmbio, com isso o governo buscou amenizar os impactos de entrada de capitais estrangeiros sobre a base monetária. Durante esse período o Banco Central atuou de forma ativa, para contornar possíveis defasagens cambiais e problemas na balança comercial.

Na terceira fase foi adotada a "âncora cambial", que tinha por objetivo desviar as expectativas dos agentes econômicos, ou seja, o ataque especulativo. Durante essa fase houve grande intervenção do Banco Central no câmbio.

Buscando fazer uma análise da situação, com o câmbio valorizado, importar ficou mais barato, durante os primeiros anos do Real, tendo entrada volumosa de produtos estrangeiros contra as incipientes exportações brasileiras, criando déficit na balança comercial.

Fatos como: queda da inflação; aumento do salário real; e volta do crédito, impulsionados pelo Plano Real, fizeram com que o poder de compra do consumidor se elevasse, provocando um aumento na demanda, que foi suprido predominantemente por produtos importados.

Era fácil perceber que o resultado dessa política seria de déficit comercial, que acarretava ao País reservas de curto prazo e risco cada vez maiores de ataques especulativos. Em razão disso, o governo adotou a política de bandas cambiais e desvalorização cambial, para tentar diminuir as importações, fato que pode ser visualizado na Fig. 4 (CONAB, 2005b).

Como se pode perceber, há um patamar até dezembro de 1998. A Fig. 4 mostra que até 1999 os preços internacionais estavam em queda, fato que praticamente anulou o estímulo da mudança cambial. Mas a partir de 2002, com o estímulo cambial e o grande dinamismo da soja, esse fato se reverte, fato que veremos mais adiante (CONAB, 2005b).

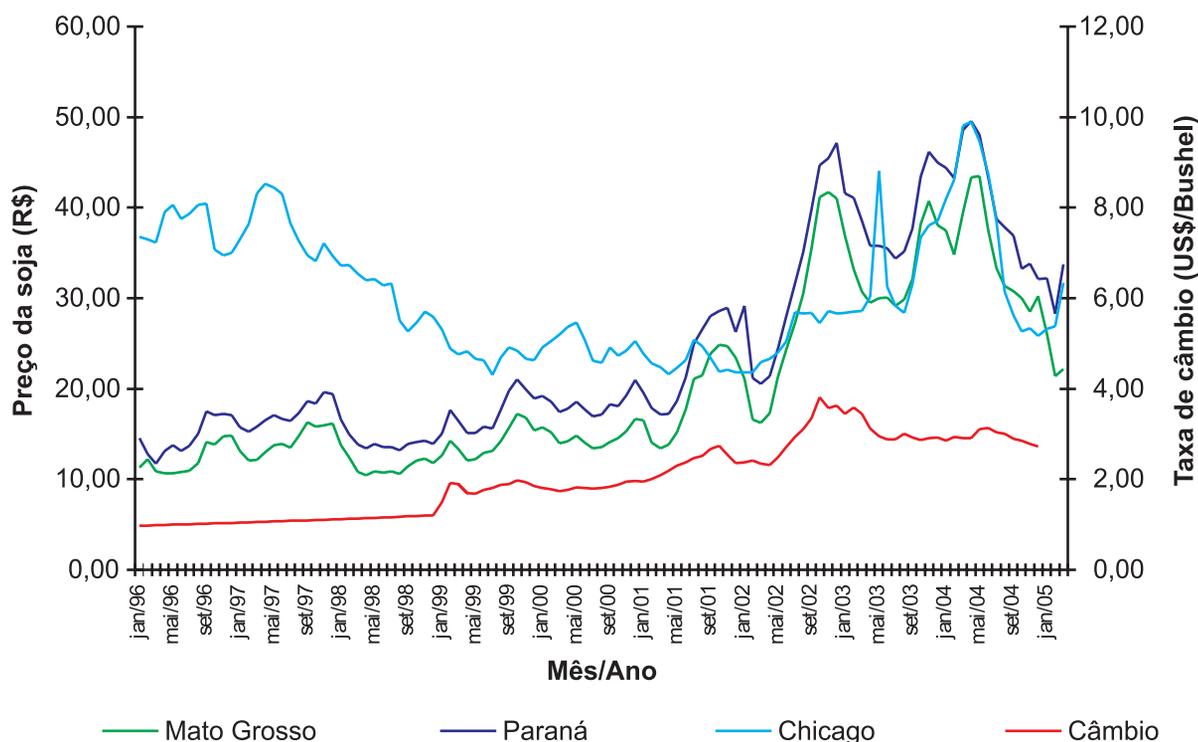


Fig. 4. Taxa de câmbio e preço da soja.
Fonte: Conab (2005b).

Impulso primeiramente na soja

O recente crescimento agrícola no Brasil pode ser explicado, em parte, pela expansão da soja no País. Fazendo uma análise de área plantada durante os anos agrícolas 2001-2002 a 2003-2004, a área de grão teve um crescimento de 22,8% (BRANDÃO et al., 2005). Nesse mesmo período de análise, a área da soja cresceu 30,3%.

Esse aumento da área da soja pode ser explicado por três motivos: a) diminuição da área do milho, tendo em contrapartida o aumento da produtividade desta cultura; b) conversão das pastagens, que tomou áreas degradadas; e c) modernização das frotas.

Com relação ao milho, foi um ponto de grande discussão desde o início, pois a soja tomou áreas de cultivo do milho, e, com isso, estava-se trocando um produto de subsistência por um produto exportador. Mas o que aconteceu é que apesar da área plantada do milho ter diminuído, a produtividade dessa cultura aumentou. Isso porque, a soja demanda mais tecnologia e o milho faz rotação de terras com a soja, então o milho tem terras de melhor qualidade no seu plantio.

Com relação às pastagens, as áreas degradadas foram convertidas em plantações de soja, fato que favoreceu sua expansão. Assim como ocorreu com o milho, a expansão da soja gerou a renovação das pastagens e trouxe índices positivos à pecuária.

O outro ponto de grande relevância para o crescimento da área da soja no Brasil deve-se à modernização da frota agrícola, que possibilitou a conversão das áreas degradadas. O programa Moderfrota teve início no ano de 1999, e desde o ano de sua criação apresenta índices crescentes de evolução, tendo o aumento de crédito, nesta linha, de 2% no ano de criação para 28% na safra 2004-2005, segundo dados do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), divulgados pelo Mapa (2005).

Vale destacar, nesse ponto, a questão cultural que desencadeou o processo de cultivo da soja no Brasil. Os Estados Unidos haviam tido duas quebras de safra seguidas e embargado as exportações de grão da União Soviética. Com a baixa nos estoques, os preços aumentaram no mercado mundial. A produção de soja que já havia começado no rio Grande do Sul, logo se difundiu.

Tais pontos podem ser analisados na Tabela 2, onde se vê um aumento de 53,49% da área plantada de soja.

Na Fig. 5, pode-se verificar a evolução da área plantada e conseqüentemente da produção da soja no Brasil (CONAB, 2005c).

Tabela 2. Soja: área plantada.

Ano	Área
1996-1997	11.381 mil ha
2003-2004	21.276 mil ha
Aumento	9.894 mil ha (86,9%)
Crescimento anual	9,35% ao ano

Fonte: Conab (2005a).

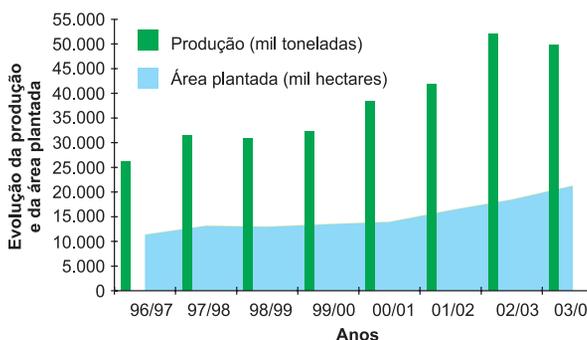


Fig. 5. Soja: área plantada x produção.

Fonte: Conab (2005c).

Milho segue os passos da soja

O milho, gramínea cultivada em todo o território nacional, "é uma das espécies que a humanidade mais promoveu em termos de melhoramento genético". Atualmente, o plantio se dá por meio de práticas rústicas e também de adoção de tecnologia avançada, como a agricultura de precisão (SANTO, 2001, p. 247).

Possui uma grande importância econômica, pois trata-se de um produto básico na composição do alimento das aves e suínos. Sendo assim, o crescimento dessa cultura está atrelado à capacidade de crescimento dos seguimentos de aves e suínos.

É a segunda cultura com maior área cultivada no Brasil. A área destinada ao cultivo

de milho na safra 2003-2004 foi de 12.822,0 mil hectares, representando 27% do total da área destinada ao plantio de grãos (CONAB, 2005a).

Analisando o comportamento da cultura no período determinado, pode-se perceber que houve diminuição da área plantada, mas aumento da produção (Tabela 3). Isso se deveu principalmente ao ganho de produtividade, que foi maior do que o da soja (Fig. 6).

Nota-se que a maior expansão da área se deu na segunda safra. Isso porque em decorrência do risco de doenças a demanda por rotação de culturas cresce e o milho é a principal cultura utilizada para esse fim.

No caso de rotação soja x milho, a tecnologia utilizada é avançada. O plantio geralmente é feito por produtores de soja capitalizados

que produzem milho com maior produtividade. A Fig. 6 mostra a comparação da produtividade média da soja e do milho, separando a primeira e segunda safras.

Houve uma clara mudança de patamar na produtividade da lavoura de milho a partir da safra 2000-2001. Na safra 2002-2003, a média de produtividade brasileira foi de 3.582 kg/ha. A produtividade média da região Centro-Sul foi de 4.397. O Distrito Federal alcançou a maior produtividade média: 5.684 kg/ha, seguido pelo Estado de Goiás (4.873 kg/ha), Santa Catarina (4.990 kg/ha) e Paraná (4.867 kg/ha) (CONAB, 2005d).

Graças a essa tecnificação, o Brasil se tornou um novo e importante exportador mundial a partir de 2000-2001. O aumento da produtividade permitiu preços competitivos e aumento do

Tabela 3. Milho: área plantada e produção.

	Área plantada (em mil ha)			Produção (em mil t)		
	Safra total	1ª safra	2ª safra	Safra total	1ª safra	2ª safra
1996-1997	13.799	11.600	2.199	35.715,60	31.704,40	4.011,20
2003-2004	12.822	9.465	3.357	42.191,50	31.617,30	10.574,20
Aumento/	-977	-2.135	1.158	6.475,90	-87,10	6.563,0
Redução	(-7,1%)	(-18,4%)	(52,7%)	(18,2%)	(-0,3%)	(163,6%)
	-1,05% ao ano	-2,85% ao ano	6,25% ao ano	2,4% ao ano	-0,05% ao ano	14,85% ao ano

Fonte: Conab (2005a).

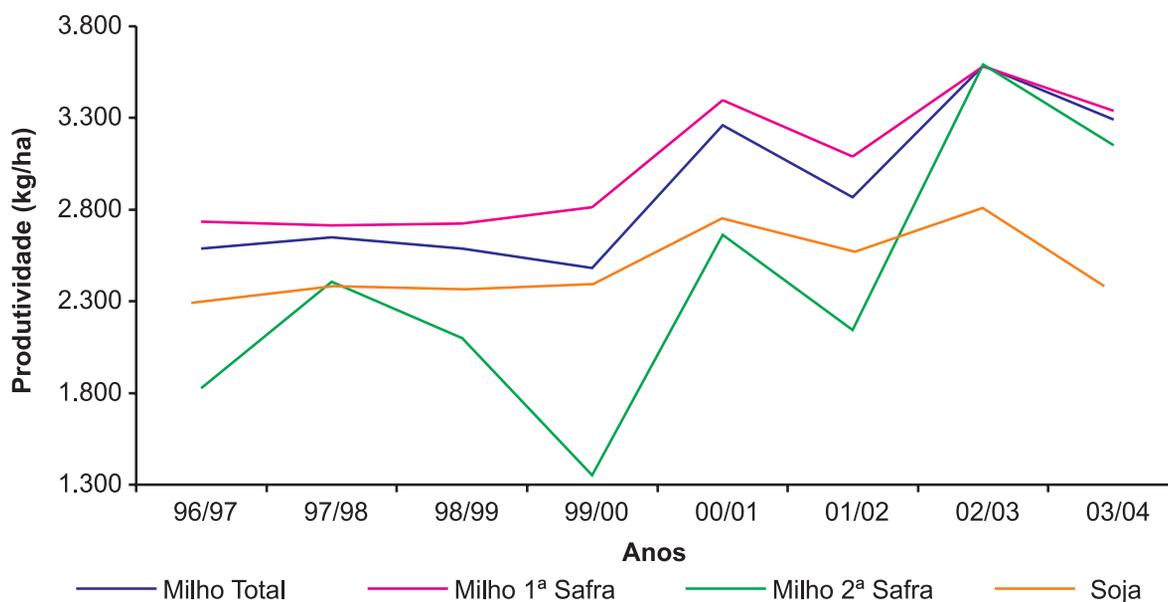


Fig. 6. Comparativo da produtividade do milho.

Fonte: Conab (2005d).

consumo interno para a produção de carnes (Tabela 4).

Tabela 4. Milho: consumo x exportação (em mil t).

Safra	Consumo	Exportação
1997-1998	35.000	4
1998-1999	35.000	8
1999-2000	34.480	62
2000-2001	36.136	5.918
2001-2002	36.410	2.509
2002-2003	38.700	3.969
2003-2004	39.400	4.769

Fonte: Conab (2005e)

O Brasil não tem crise de abastecimento de feijão

O feijão é um produto essencial na dieta dos brasileiros, “é rico em proteína e contém vitaminas B e C, ácido cítrico, sacarose, ácido fosfórico, fibras, etc.” (SANTO, 2001, p. 234).

De acordo com os valores divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na safra 2003-2004, o feijão representou o quinto grânifero mais produzido, ficando atrás apenas da soja, do milho, do arroz e do trigo (CONAB, 2005a).

A cultura pode ser explorada em três épocas distintas: primeira safra (“das águas”), segunda safra (“da seca”) e terceira safra (“de inverno”).

O plantio da primeira safra ocorre entre os meses de agosto e novembro e a colheita entre novembro e abril. É a maior das três safras em produção e rendimento e concentra-se nas regiões Sul e Sudeste e no Estado da Bahia. A segunda safra é plantada entre janeiro e março e colhida entre abril e julho. Abrange os estados das regiões Sudeste e Sul, com concentração na Região Nordeste. Na terceira safra cultiva-se o feijão irrigado. O plantio se dá entre os meses de abril e julho e a colheita entre agosto e outubro. A concentração ocorre nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Bahia (Barreiras).

O mercado internacional é inexpressivo, não podendo haver crise de abastecimento. “Os principais consumidores também são os principais produtores da cultura, porém o volume transacionado entre países é muito pequeno, girando em torno de 5% [...]” (SPERS; NASSAR, 2005).

O Brasil enfrentou muitas crises de abastecimento de feijão. Por ser uma cultura de curto ciclo de produção, qualquer problema de falta ou excesso de chuvas causa problemas de perdas. Além disso, é um produto que perde a qualidade muito rápido (em torno de 90 dias). Isso faz com que o mercado seja muito afetado com a falta desse produto, ocasionando grandes oscilações de preços. No entanto, a Fig. 7 mostra que o Brasil tem conseguindo manter estável a relação entre o consumo e a produção de feijão.

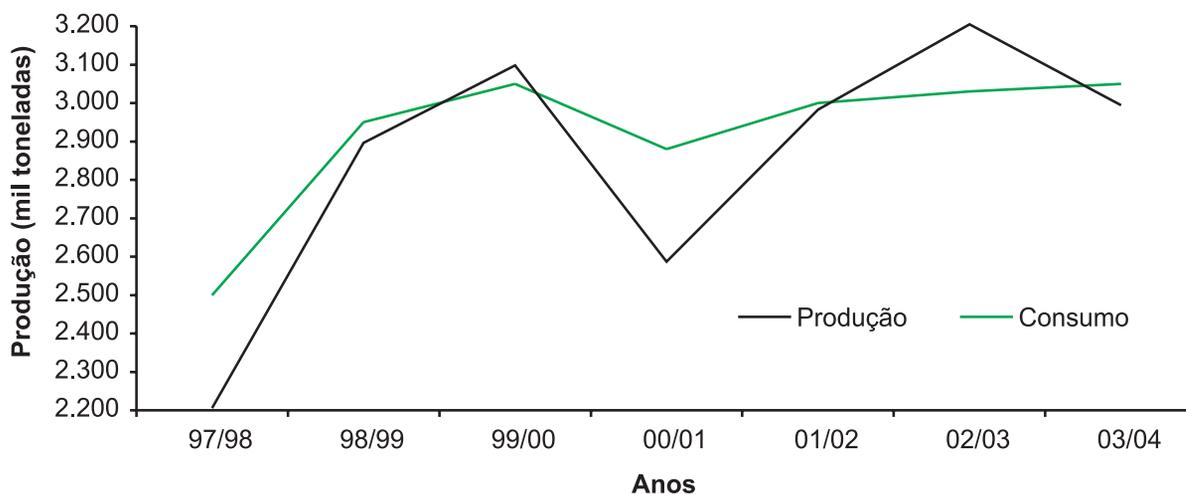


Fig. 7. Feijão: produção x consumo.

Fonte: Conab (2005e).

Arroz competitivo no Mato Grosso

O Mato Grosso é o segundo maior produtor de arroz do País, sendo responsável, segundo a Conab, por 15,1% do total da safra nacional em 2003. O primeiro estado produtor é o Rio Grande do Sul, com 49,1% da produção total. Comparativamente, os índices são díspares, mas o Mato Grosso vem apresentando variação crescente nas últimas safras, fato que pode ser verificado na Fig. 8.

O arroz cultivado no Mato Grosso, apesar dos avanços tecnológicos, carrega ainda o estigma de ser produto de rotatividade com a soja, o arroz é plantado para abertura da área por dois anos aproximadamente e seguem seis anos de plantação de soja. Convém ressaltar que este fato aumenta a produtividade do arroz, já que a produção da soja requer maior tecnologia, e a rotatividade favorece a plantação do arroz nesse ponto, no uso dos subsídios da soja.

A produção de arroz vem se firmando no Estado do Mato Grosso, principalmente a partir da década de 90, segundo Conab (2005f), tal fato pode ser explicado pela grande variedade de arroz inserida no estado.

Revolução no algodão

A cotonicultura passou por uma evolução, após os anos 90, com a abertura do mercado

nacional e a inexistência de barreiras de proteção, que fizeram com que a produção interna, principalmente de pluma, caísse vertiginosamente (GONÇALVES, 1997). O País passou de exportador para importador desse produto.

Recentemente, o algodão brasileiro vem apresentando índices crescentes de produção e produtividade nos últimos 10 anos, diferentemente da área, que vem tendo índices decrescentes, apesar da recuperação na última safra, fato que pode ser observado na Fig. 9.

Vale ressaltar que nas regiões onde a cultura do algodão é colhida de forma manual e vendida em caroço, a produção está decaindo apesar de apresentar, ainda, produção crescente. Já nas regiões onde o algodão é descaroçado, e o produtor vende pluma, a produção está em plena expansão.

Após a abertura comercial nos anos 90, os índices da importação cresceram vertiginosamente, até que em 1996 iniciou sua queda, como pode ser verificado na Fig. 10. As exportações, em contrapartida, mantiveram-se em patamares baixos, mas hoje supera as importações. O incremento às exportações favorece a política de sustentação de preços ao produtor, gerando menos recursos a serem financiados (BARBOSA, 1996).

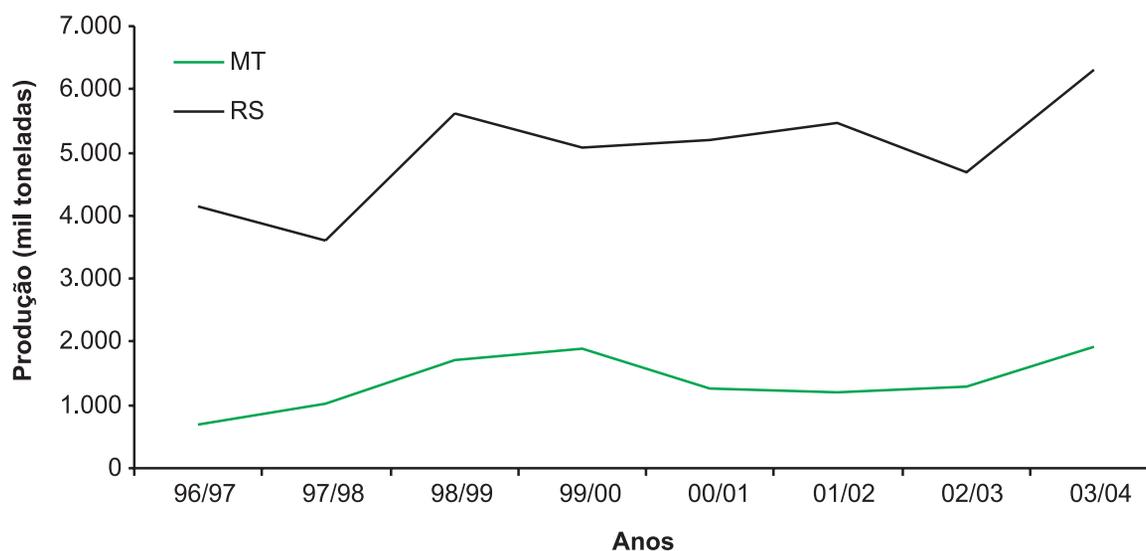


Fig. 8. Produção de arroz nos principais estados produtores.

Fonte: Conab (2005f).

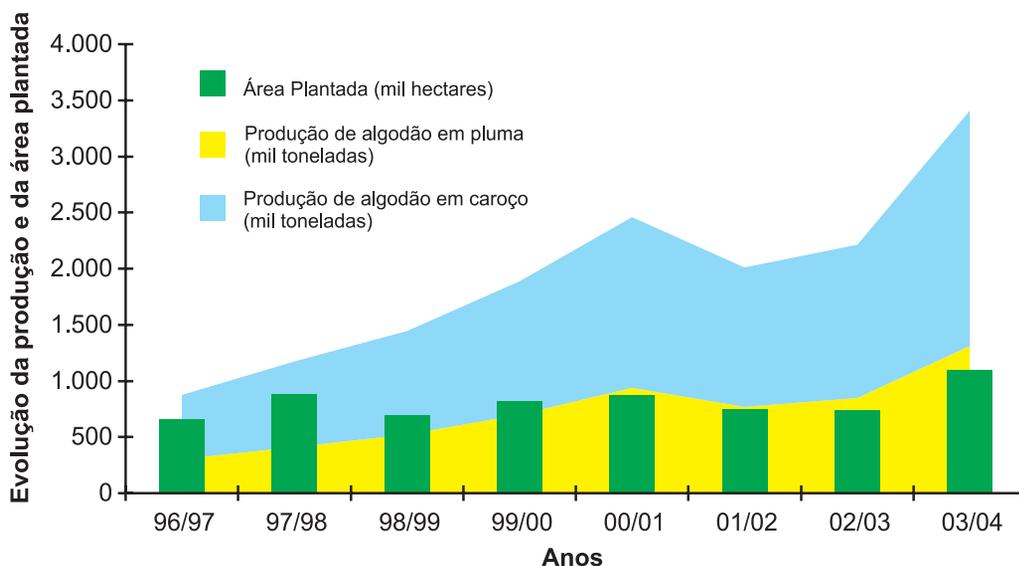


Fig. 9. Produção e área de algodão no Brasil.
Fonte: Conab (2005g).

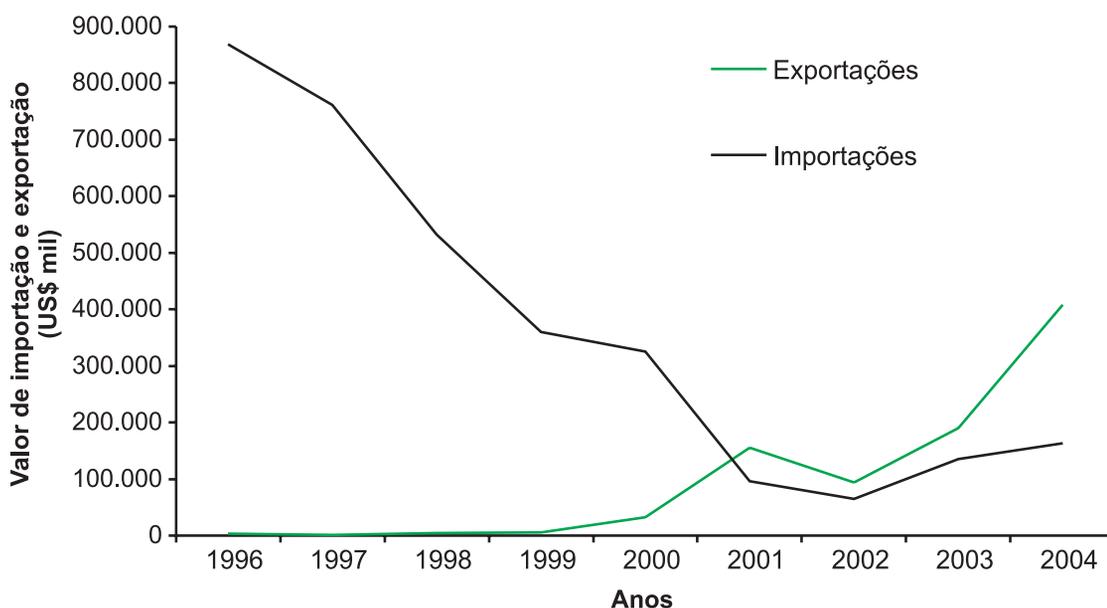


Fig. 10. Importação e exportação de algodão.
Fonte: Sistema Alice, 2005⁴.
Elaborado pelas autoras.

O crescimento do algodão resume-se em evolução tecnológica no cultivo e em colheita da cultura. Regiões que conseguiram romper com a antiga forma de produzir e entrar no novo mercado vêm conhecendo índices crescentes de produ-

tividade, já as produções familiares estão cada vez mais decadentes. O País passou por um período de crise após a abertura comercial, mas vem se restabelecendo e superando os índices de importação.

⁴ Informações de banco de dados restrito. Disponível sobre encomenda.

Até trigo o Brasil conseguiu exportar!

A retomada da produção nacional de trigo em novos parâmetros técnicos e econômicos se deu a partir da safra 2002-2003, quando o volume produzido, que oscilava entre 2 e 3 milhões de toneladas (considerando o período compreendido entre as safras 1996-1997 e 2001-2002) passou para quase 6 milhões de toneladas (CONAB, 2005a).

Segundo Santo (2001, p. 308), a cultura "se desenvolve melhor em temperaturas de clima temperado e frio". No entanto, devido ao desenvolvimento de novas tecnologias foi possível a expansão desta cultura nas regiões de cerrado, apresentando uma grande produtividade.

A partir da safra 1996-1997 houve uma expansão do plantio de trigo na região Centro-Oeste. Nessa safra a região era responsável por 2,5% da produção nacional, valor que passou para 4,4% na safra 2003-2004. A produtividade da região aumentou 32% nesse período, passando de 1.747 para 2.306 kg/ha (CONAB, 2005h).

O aumento na produção permitiu exportações inéditas na safra 2003-2004, cujo volume chegou a 1,4 milhões de toneladas. Além disso, as importações brasileiras que representavam 77,4% do consumo interno na safra 1999-2000 passaram para 56,2% na safra 2003-2004. Uma redução de 2 milhões de toneladas (CONAB, 2005e).

"O trigo brasileiro melhorou de qualidade e tornou-se competitivo porque a maior parte dos produtores que continuaram na atividade foram capazes de inovar tecnologicamente e gerencialmente". Também "houve um grande esforço da pesquisa no âmbito da produção e do processamento industrial." (SANTO, 2001, p. 310).

Aumento na produção de carnes

A produção de carnes apresentou um grande aumento no período analisado. De acordo com dados do USDA⁵ (2005), no ano de 2004, o Brasil foi considerado o segundo maior produtor

de carne bovina, o terceiro maior produtor de carne de frango e o quarto maior produtor de carne suína.

O aumento da produção de carnes de deu por causa do aumento da demanda por alimento de origem animal, provocado, segundo a Agenda, para a competitividade do agribusiness brasileiro: base estatística 2001-2002 (2001) por três fatores: expansão demográfica, urbanização e melhoria na renda dos países em desenvolvimento.

No caso da carne bovina houve um aumento de 38,1% na produção no período analisado (Fig. 11). Segundo Edward (2004), a carne bovina virou sinônimo de segurança alimentar, pois o Brasil produz o chamado "o verde".

"... na atual conjuntura, mais de 90% da carne bovina brasileira é oriunda de sistema de produção com alimentação baseada em pastagens naturais." (SANTO, 2001, p. 259).

Nehmis, citado por Edward (2004), afirma que a carne brasileira é considerada a carne mais saudável e competitiva do mundo.

A produção de carne de frango aumentou 109,6% nesse período, correspondendo a uma média de crescimento anual 9,7%. O comportamento desse crescimento também pode ser observado na Fig. 11.

A preocupação com questões sanitárias fez com que a demanda pelo produto brasileiro aumentasse. Segundo Edward (2004), o número de países que compram a carne de frango brasileira aumentou em 10 anos, passando de 60 para 120. O que representa um aumento de 100%.

Atualmente, a avicultura de corte é considerada um dos maiores e mais competitivos complexos agroindustriais brasileiros.

Para Santo (2001), um dos fatores responsáveis pela alta eficiência da avicultura nacional é o modelo de integração envolvendo as grandes indústrias processadoras e os criadores.

"Os produtores integrados ao sistema de grandes empresas apenas montam as instalações e fornecem a mão-de-obra. As indústrias oferecem assistência técnica e veterinária e ditam as regras da produção." (EDWARD, 2004, p. 19).

⁵ Informação retirada de banco de dados do United State Department of Agriculture (USDA).

Em relação à carne suína, o aumento da produção no período correspondeu a 71,7% (Fig. 11). Vale destacar que o volume exportado no mesmo período aumentou 693,7%, passando de 64 para 508 mil toneladas.

A utilização de tecnologia intensiva associada a técnicas genéticas fez com que a carne suína brasileira ganhasse espaço no mercado internacional. Atualmente o produto apresenta mais carne, menos gordura e necessita de menos ração para atingir a fase de abate. A tendência é de que o volume exportado continue aumentando, pois, conforme Santo (2001), a carne mais consumida no mundo é a suína.

Conclusão

O trabalho em questão procurou enfatizar o crescimento da agricultura brasileira pós-safra 1996-1997.

Percebe-se que houve um aumento significativo na produção de grão. Relacionando o crescimento da produção versus o crescimento da área plantada nota-se que não são relativamente proporcionais. O aumento da produção se deveu principalmente ao aumento da produtividade, pois enquanto a produção cresceu 51,9%,

a área plantada cresceu um pouco mais da metade da produção, 29,5%.

Em segundo lugar, foi feita uma análise dos principais fatores que incentivaram esse crescimento, tal análise pode ser acompanhada com conseqüências de ordem externa e econômica. A Lei Kandir deu impulso às exportações, pois foi criada com o intuito de desonerar o pagamento de ICMS dos produtos primários. Outro fator de análise, que impulsionou as exportações brasileiras foi o aumento da “demanda asiática”, a partir do ano 2000.

No que tange às questões econômicas, tem-se a Renegociação das Dívidas, época em que foram criados vários decretos e, em síntese, o governo assume parte da dívida agrícola e transforma em títulos da dívida pública. Outro fator de grande importância é a política do governo de âncora cambial, adotada a partir de 1994, fato que estimulou a importação e gerou déficit na balança comercial brasileira e diminuiu as reservas financeiras. Como o País não suportou essa política, adotou-se o sistema de câmbio flutuante a partir de 1999, fato que contribuiu para diminuir as importações e aumentar as exportações. Outro fator de grande importância foi a

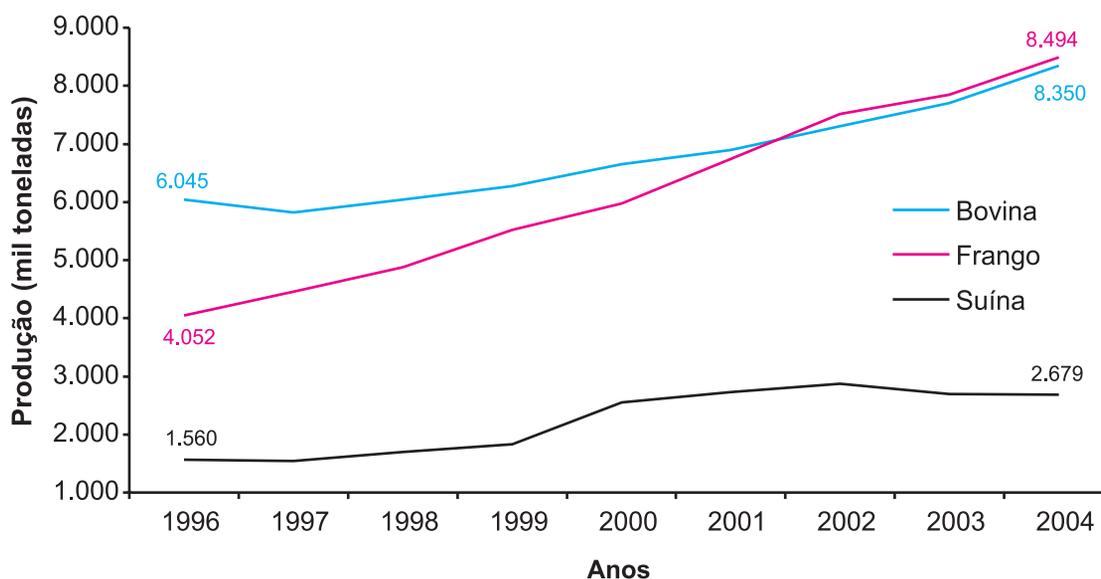


Fig. 11. Produção de carnes.

Fonte: ABEF (2004), ABEF (2005), ABIEC (2005) e ABIPECS (2005).

questão da tecnologia que permitiu ganho de produtividade.

A soja foi a principal responsável pelo aumento da produção de grão, além de ter aumentado a sua participação na produção nacional (de 33,4% na safra 96-97 para 41,8% na safra 2003-2004), em razão da adoção de tecnologia de ponta e profissionalização da agricultura.

Posteriormente, foi feita análise de algumas culturas. A primeira a ser analisada foi o milho. Avaliou-se que apesar desse produto ter a área plantada total reduzida, houve um expressivo ganho na produtividade na segunda safra, graças à rotatividade da cultura feita com a soja.

A segunda cultura a ser avaliada foi o feijão. Verificou-se que o Brasil enfrenta crises de abastecimento do produto, pois é uma cultura muito sensível a mudanças climáticas e extremamente perecível.

Outra cultura a ser analisada foi o arroz. Discutiu-se que essa cultura vem tendo crescimentos significativos no Mato Grosso e já se estabelece como o segundo produtor nacional.

Uma das últimas culturas a serem analisadas foi o algodão. Analisou-se que esta cultura passou por um período de crise após os anos 90, em razão da abertura do comércio mundial e aumento das importações, conseguindo se restabelecer e até superar as importações a partir de 2001. Mas a produção passou e ainda passa por momentos de evolução, pois a antiga forma de produção de cultura em carço e colheita manual está cada vez mais defasada, dando lugar a pluma e colheita feita por máquinas.

Posteriormente foi feito um estudo do caso do trigo. Analisou-se que nesta cultura a melhora na qualidade como fator para o aumento nas exportações e a conseqüente queda das importações do produto para consumo interno.

Por fim foi feita a análise do setor de carnes. Verificou-se uma tendência crescente na produção de carne bovina e de frango, diferentemente da de suína que se encontra estável. Um dos fatores explicados para o aumento da

produção está no aumento da demanda por carnes.

Enfim, o presente trabalho busca fazer uma análise, de forma abrangente, do crescimento agrícola, buscando questões que influenciaram na economia do País e para o crescimento deste. Para tanto, a análise de várias culturas foram necessárias, mas o foco principal está na soja, considerado como o alavancador do processo de crescimento agrícola pós-safra 1996-1997.

Referências

ABEF. **Estatísticas**. Mercado interno. Produções. Disponível em: <<http://www.abef.com.br>>. Acesso em: 19 jun. 2005.

ABEF. O mercado mundial. In: ABEF. **Relatório anual 2004**. São Paulo, 2004. p. 16.

ABIEC. **Balço da pecuária bovinea de corte**. Disponível em: <<http://www.abiec.org.br/abiec/estatisticas.php>>. Acesso em: 19 jun. 2005.

ABIPECS. **Suinocultura brasileira**. Série histórica. Produção brasileira de carne suína série histórica (1988-2004). Disponível em: <<http://www.abipecs.com.br/mercadointerno.php>>. Acesso em: 19 jun. 2005.

BARBOSA, M. Z. Transformação do mercado brasileiro de algodão e a influência de políticas comerciais. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 11-21, fev. 1996.

BRANDÃO, A. S. P.; REZENDE, G. C.; MARQUES, R. W. **Crescimento agrícola no período 1999-2004, explosão da área plantada com soja e meio ambiente no Brasil**. Disponível em: <<http://www.econ.puc-rio.br/PDF/seminario/2005/gervasio%20rezende.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2005.

BRASIL. Lei complementar nº 87, de 13 de setembro de 1996. Dispõe sobre o imposto dos Estados e do Distrito Federal sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual e intermunicipal e de comunicação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 set. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/lcp87original.htm>. Acesso em: 18 jun. 2005.

BRASIL. Lei complementar nº 102, 11 de julho de 2000. Altera dispositivos da lei complementar no 87. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 jul. 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp102.htm>. Acesso em: 18 jun. 2005.

CONAB. **Safras**. Safras 1990-1991 a 2004-2005 - séries históricas. Brasil - Por Produto. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005a.

CONAB. **Indicadores agropecuários**. Preços da agropecuária - soja e suíno. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005b.

CONAB. **Safras**. Safras 1990-1991 a 2004-2005 -séries históricas. Soja. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005c.

CONAB. **Safras**. Safras 1990-1991 a 2004-2005 -séries históricas. Milho total (1ª e 2ª Safras). Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005d.

CONAB. **Safras**. Balanço de oferta e demanda: safras _ oferta e demanda (.xls). Fev. 2005. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005.

CONAB. **Safras**. Safras 1990-1991 a 2004-2005 -séries históricas. Arroz. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005.

CONAB. **Safras**. Safras 1990-1991 a 2004-2005 - séries históricas. Algodão. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005.

CONAB. **Safras**. Safras 1990-1991 a 2004-2005 -séries históricas. Trigo. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2005.

EDWARD, E. O Brasil que planta e colhe dinheiro. **Veja**, Edição especial, n. 30, p. 14-21, abr. 2004.

GONÇALVES, J. S. Crise do algodão brasileiro pós abertura nos anos 90 e as condicionantes da retomada da expansão em bases competitivas. **Informações econômicas**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 7-25, mar. 1997.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M.; TACHINARDI, M. H. **Agronegócio e comércio exterior brasileiro**. Disponível em: <http://www.iconebrasil.org.br/Publicacoes/Agronegocio%20e%20comercio%20exterior%20brasileiro_RevistaUSP.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2005.

MAPA. **Estatísticas**. Crédito rural no Brasil. Investimento: aplicação dos recursos para investimento -ano safra. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 7 jun. 2005.

SANTO, B. R. E. **Caminhos da agricultura brasileira**. São Paulo: Evoluir, 2001. 329p.

SPERS, E. E.; NASSAR, A. **Competitividade do sistema agroindustrial do feijão**. Disponível em: <http://www.fia.com.br/PENSA/pdf/relatorios/ipea/Vol_III_Feijao.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2005.

TACHINARDI, M. H. **Domínio do campo**. Disponível em: <http://www.iconebrasil.com.br/images/publicacoes/MHTachinardi/econ_agro_mhelena.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2005.

USDA. **Livestock and poultry: world markets and trade**. Washington, 2005. 29 p. Disponível em: <<http://www.faz.usda.gov/dlp/dlp.html>>. Acesso em: 5 de junho de 2005.